

AUTOPUBLICAÇÃO E AS PLATAFORMAS DIGITAIS

REVISTA EDITAR 14ª EDIÇÃO



FICHA TÉCNICA

Editar – Revista dos alunos do curso de Letras - Tecnologias de Edição
CEFET-MG - Belo Horizonte
Edição online - N°14
2022/2

Contato: Departamento de Linguagem e Tecnologia - DELTEC

Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais
Av. Amazonas, 5253, sala 338, Nova Suíça, CEP: 30.421-169 - Belo Horizonte-MG

E-mail: revista.letrascefet@gmail.com

Editor responsável: Prof. Dr. Rogério Barbosa da Silva
<https://www.led.cefetmg.br/revista-editar-2/>

Desenho da capa: Iolanda Lopes

FOLHA DE EXPEDIENTE

BACHARELADO EM LETRAS - TECNOLOGIAS DE EDIÇÃO

Coordenadora
Profa. Dra. Joelma Rezende Xavier

Coordenador Adjunto
Prof. Dr. José de Souza Muniz Jr.

LED

Gestão (2020-2022)

Coordenador
Prof. Dr. José de Souza Muniz Jr.
Vice-coordenador
Prof. Dr. Luiz Henrique Silva de Oliveira

Gestão (2022-2024)

Coordenadora
Profa. Dra. Elaine Martins
Vice-coordenador
Prof. Dr. José de Souza Muniz Jr.

PROJETO REVISTA EDITAR

Professor Coordenador
Dr. Rogério Barbosa da Silva

EQUIPE EDITORIAL

Projeto gráfico e diagramação:

Emmanuelle Souza Miranda
Lucas Tadeu Ferreira de Aguiar
Vitória Fernanda Ribeiro Reis

Produção de conteúdos e Editorial:

Alice Monteiro Gomes Coelho
Débora de Almeida Sampaio
Fernanda Menezes Moreira
Gabiella Iasmin Lima Silva
Nicoly Cristina Martins dos Santos
Yanne Amaral Silva

Comissão Editorial
Profa. Dra. Ana Elisa Ribeiro
Profa. Dra. Elaine Martins
Prof. Dr. José de Souza Muniz Jr.
Prof. Dr. Luiz Henrique Silva de Oliveira
Profa. Dra. Maria do Rosário Alves Pereira
Prof. Dr. Rogério Barbosa da Silva
Prof. Dr. Wagner Moreira

Revisão e Preparação textos:

Jefferson Lorentz Barbosa
Júlia Sartori Barony Araújo
Nicoly Cristina Martins dos Santos
Roseli Campos Gonçalves da Silva



EDITORIAL

Nicolly Santos

A 14ª edição da Editar, revista eletrônica experimental desenvolvida pelos alunos do 4º período de Letras - Tecnologias de Edição, finalmente chegou! Nesse número adotamos um novo formato com seções fixas e livres, e nossa proposta é trazer duas vertentes que se relacionam de certa maneira: autopublicação e mercado editorial. Elaboramos uma entrevista focada na publicação independente, trazendo à luz novos caminhos para se tornar um autor publicado. Discorrendo a respeito das pequenas editoras e editoras independentes, também temos a intenção de nortear as diferenças existentes entre esses dois modelos de casas editoriais. Afinal, quais as vantagens e desvantagens de publicar um livro de forma independente ou de forma tradicional?

As plataformas digitais também terão espaço nessa edição, neste âmbito optamos por abordar os produtos literários digitais como quadrinhos, charges e outros. Aproveitando do 11º Festival de quadrinhos, que ocorreu neste ano, achamos interessante trazer uma seção sobre o tema e a forma como ele impacta a cultura pop, o mercado literário e a cultura dos quadrinhos como um todo. Ainda com enfoque nas plataformas digitais falaremos sobre a relação livro X cinema, trazendo algumas resenhas e considerações da cultura cinematográfica associada a literatura.

Além da autopublicação e as plataformas digitais, a Editar número 14 reserva em suas páginas espaço para importantes artigos e textos sobre autores primorosos, suas contribuições e seu impacto para a literatura nacional. Enquanto apreciam nossa revista, os leitores também poderão encontrar, na seção livre, textos artísticos como poemas, crônicas e outros, uma seção para se inspirar com escritos inovadores e criativos.

Lembramos que a Revista Editar é produzida pelos alunos do 4º período de Letras, Tecnologias de Edição, e neste semestre pensamos em trazer, neste 14ª volume, temas inovadores que pudessem abranger não somente um tipo específico de público, mas que também contemplasse os leitores de modo geral. Esperamos que os leitores gostem deste número e busquem também os anteriores, hospedados na plataforma issuu.com, ou no site da LED - Editora Laboratório do Curso, que acolhe esse projeto.

Uma ótima leitura a todos, abraços,
equipe Editar.

ÍNDICE

**5 MERCADO EDITORIAL
MINEIRO E
AUTOPUBLICAÇÃO**

– Fernanda Menezes

**6 LITERATURA MINEIRA -
ADÉLIA PRADO**

– Gabriella Lima

**8 LITERATURA MINEIRA -
CAMILA DIÓ**

– Yanne Amaral Silva

**10 O MERCADO DA
AUTOPUBLICAÇÃO E AS
PLATAFORMAS DIGITAIS**

– Entrevista com Pollyanna Mattos

13 O CARTEIRO E O POETA

– Alice Monteiro

14 PARADOXOS

– Poema por Emmanuelle Souza

**15 SOBRE UM PARADOXO DE
ZENÃO**

– Poema por Rogério Barbosa da
Silva

16 PALAVRA

– Poema Rogério Barbosa da
Silva

**18 DESENHOS DIGITAIS DE
IOLANDA LOPES**

**19 DESENHOS DIGITAIS DE
ANA LUISA SAMPAIO**

MERCADO EDITORIAL MINEIRO E AUTOPUBLICAÇÃO

Fernanda Menezes Moreira

O cenário do mercado editorial mineiro é bastante propício para o desenvolvimento de talentos como os do escritor, itabirano, Carlos Drummond de Andrade, destaque da segunda geração de poetas modernistas, do cordisburguense, João Guimarães Rosa, da terceira geração modernista. Também, é possível mencionar, dentro desse mercado, importantes editoras como a Itatiaia (1954) uma das primeiras em Minas Gerais. É possível dar destaque também às editoras que focam no público infanto-juvenil. Editoras Miguilim (1980) e Dubolsinho (2010), por exemplo, e ainda mais recentes como a Relicário (2013) e Ramalhete (2015). Não deixando de lado as revistas e jornais literários que tiveram grande impacto comercial, ao longo da história, em destaque: A revista criada por Drummond em 1924, e a Suplemento Literário, publicada no início em 1966, que se tornou um dos maiores periódicos do Brasil.

O mercado editorial mineiro, como não poderia deixar de ser, é responsável pelo aparecimento de importantes autoras, evidenciamos aqui, Adélia Prado, Carolina Maria de Jesus e Conceição Evaristo. Elas são alguns desses nomes consagrados que tiveram seus talentos reconhecidos e premiados.

Em Minas Gerais são realizados importantes eventos e de grande prestígio que objetivam fomentar a leitura e expandir o mercado literário. Dentre eles destacamos a Bienal Mineira do Livro, o Festival Literário Internacional-FLI-BH e a Feira Literária de Tiradentes-FLITI. A Bienal é a maior delas. Apresenta editoras e autores, estimula a leitura por meio de atividades, e busca democratizar o acesso a essa leitura.

O FLI BH também é um evento que promove o hábito da leitura. Durante o festival acontecem mesas de debates, entrevistas, lançamentos de livros, clubes de leituras, saraus, entre outros.

No evento deste ano, que ocorreu em agosto, houve a participação de cerca de 255 escritores, poetas, ilustradores, narradores de histórias, e contou inclusive com a participação da professora e escritora Ana Elisa Ribeiro. A homenageada, por essa ocasião, foi a criadora da Mazza Edições, a Ponte-Novense, Maria Mazzarello Rodrigues, que é responsável pela visibilidade de muitos autores negros, publicados.

No Brasil, ter os textos aceitos e publicados ainda é um grande desafio enfrentado por autores conhecidos, quem dirá por aqueles que estão iniciando sua aventura literária. Assim, muitos desses novos escritores têm como opção trilhar os caminhos do mercado da autopublicação.

É perceptível, que as plataformas de autopublicação, se tornaram importantes instrumentos tanto para escritores quanto para leitores. Os escritores conseguem ter seus livros publicados e os leitores, no que lhes concerne, conseguem ter acesso a livros de maneira mais barata, do que na forma física.

Ainda conforme o gerente. “Quem passa a usar o digital começa a ler mais, até mesmo no suporte físico. Por isso, as experiências físicas e as digitais se complementam de forma autônoma. Entendo que, quanto mais formatos, gêneros e tipos de obras literárias uma pessoa tem ao seu alcance, maior será o seu interesse pela leitura.” O livro físico e o digital possuem suas particularidades, assim cada pessoa tem sua preferência. Desse modo, o mercado da autopublicação vem como um aliado para o mercado editorial brasileiro e um potente aliado dos escritores que desejam publicar um livro e lutam por um espaço no mercado literário.

É necessário ter em mente que autopublicar não é simples e na maioria das vezes não dá lucro para o escritor, então antes de ingressar na área, é aconselhável pesquisar bastante, escolher qual a melhor plataforma, saber qual é o investimento necessário sabendo que o lucro nas vendas geralmente é ínfimo.

Assim, podemos deduzir que eventos e festivais como a Bienal Mineira do Livro, o Festival Literário Internacional e a Feira Literária de Tiradentes têm grande importância para a promoção da leitura e trazem visibilidade a escritores auxiliando nas vendas de seus livros, ademais, uma publicação, seja ela tradicional ou independente pode gerar uma grande satisfação pessoal.

Adélia Prado

Literatura Mineira

Gabriella Lima

*“Adélia é lírica, bíblica, existencial, faz poesia como faz bom tempo.”
- Carlos Drummond de Andrade.*

MiniBiografia

Adélia Prado é professora, filósofa e escritora brasileira. Com o livro *Coração Disparado*, escrito em 1978, recebeu o Prêmio Jabuti, o mais importante prêmio de literatura nacional. Após a premiação, consagrou-se como uma das vozes femininas da poesia brasileira. Mineira de Divinópolis, nasceu no dia 13 de dezembro de 1935. Adélia Prado se tornou professora, em 1953, e lecionou durante 24 anos na rede pública de ensino. Em 1958, casou-se com José Assunção de Freitas e tem cinco filhos. Ingressou na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Divinópolis, onde se graduou em Filosofia em 1973. Nos anos de 1970, enviou cartas e originais ao poeta e crítico literário Affonso Romano de Sant'Anna, que por sua vez, os encaminhou ao poeta Carlos Drummond de Andrade, que reconheceu a jovem como sendo um fenômeno. Adélia iniciou suas publicações em jornais de Divinópolis e de Belo Horizonte, com seus primeiros poemas. Assim, em 1975, Drummond envia os originais de Adélia ao editor Pedro Paulo de Sena Madureira, da Editora Imago, sugerindo que publique o livro, que viria a ser *Bagagem*. No ano seguinte, em 1976, Adélia Prado lança seu primeiro livro, *Bagagem*. Tal publicação a destacou como poetisa, chamando atenção pelo estilo e pela recepção dos leitores.



Adélia Prado - foto: Walter Craveiro

Descrição Crítica

A mineira Adélia Prado se tornou referência na literatura feminina e religiosa no Brasil, após a escritora se firmar como poeta no âmbito literário nacional, com sua primeira publicação, *Bagagem*.

A escritora foi além da sua pequena Divinópolis impulsionada pela força poética. Suas obras registraram a presença do feminino na literatura, a partir de uma linguagem simples e prosaica, no qual retrata sua realidade caseira, através do limitado estereótipo de uma dona de casa pacata do interior mineiro. É através de uma linguagem marcada pela coloquialidade que Adélia recria o cenário vivido pelos personagens do interior de Minas Gerais. Com uma reflexão sobre o feminino e o ser mulher na sociedade, a poeta faz uma notável contribuição à poesia feminina, mas também à voz da mulher no país. Porém, a escritora não se vincula às reflexões feministas, mantendo uma perspectiva tradicionalista.

Além disso, a constante presença da discussão filosófica da fé cristã é a característica de maior destaque em sua obra, entrelaçando o cotidiano e a religiosidade. A frequência da filosofia religiosa, tanto na prosa quanto na poética de Adélia Prado, possui sua devida ênfase, pela persistência do uso de elementos religiosos, mas ao mesmo tempo questionando a própria fé. Adélia trabalha quase como um jogo entre a êxtase espiritual e o prazer carnal, ou seja, o sagrado e o profano, tratando levemente o erotismo, os questionamentos internos, as angústias e os prazeres do homem em conflito com a simplicidade tanto da linguagem quanto do espaço.

Reconhecida por Carlos Drummond de Andrade, a premiada escritora mineira se destaca na literatura brasileira ao lado de importantes escritores, assim como Guimarães Rosa, Clarice Lispector, e muitos outros, além do escritor português Fernando Pessoa.

COM LICENÇA POÉTICA

ADÉLIA PRADO, DE BAGAGEM

Quando nasci um anjo esbelto,
desses que tocam trombeta, anunciou:
vai carregar bandeira.

Cargo muito pesado pra mulher,
esta espécie ainda envergonhada.

Aceito os subterfúgios que me cabem,
sem precisar mentir.

Não tão feia que não possa casar,
acho o Rio de Janeiro uma beleza e
ora sim, ora não, creio em parto sem dor.

Mas, o que sinto escrevo. Cumpro a sina.
Inauguro linhagens, fundo reinos
– dor não é amargura.

Minha tristeza não tem pedigree,
já a minha vontade de alegria,
sua raiz vai ao meu mil avô.

Vai ser coxo na vida, é maldição pra homem.

Mulher é desdobrável. Eu sou.

Indicação de Obras

Poesia: Bagagem (1975); O Coração Disparado (1978); Terra de Santa Cruz (1981); A Faca no Peito (1988); A Duração do Dia (2010).

Prosa: Soltem os Cachorros (1979); Cacos para um Vitral (1981); Os Componentes da Banda (1984); O Homem da Mão Seca (1994); Quando eu era pequena (2006).

Camila Dió

Literatura Mineira

Yanne Amaral Silva

MiniBiografia

Camila de Oliveira, conhecida como Camila Dió, é uma poeta, escritora, artesã e artista visual mineira de 32 anos. É formada em Artes Visuais pela UFMG e estudante de Letras — Tecnologias de Edição pelo CEFET-MG. Participou de antologias como autora e organizadora, além de ter sido publicada em diversas revistas. Lançou os livros Não escrevo poemas de amor, publicado em 2020 e Quando versos gotejo (2021), pela editora Penalux. De forma independente, produziu os artesanais: Deserto azul — cartas em tempos de internet (2022) e Animais poéticos (2022).

Contato: Instagram: @camiladio.poemas
Email: camila.dio.poemas@gmail.com

Indicação de obras

Não escrevo poemas de amor (2020); Quando versos gotejo (2021);
Deserto azul - cartas em tempos de internet (2022);
Animais poéticos (2022)



Camila Dió - foto: Arquivo pessoal

Descrição Crítica

Camila Dió é uma referência de autores que apesar das dificuldades vivenciadas na pandemia, persistiram com os seus sonhos e continuaram a espalhar os seus grandiosos trabalhos. Nesse período, marcado por momentos de tristeza e dificuldades, a escritora publicou duas obras: “Não escrevo poemas de amor”(2020) e Quando versos gotejo (2021). Utilizando as mídias sociais, a poetisa compartilha os seus textos e promove reflexões, objetivando a interação com o público e o compartilhamento de experiências. Por meio da literatura, a artista busca transmitir questões relevantes para a sociedade, mostrando ao leitor que após a leitura, é possível obter reflexões a partir do tema que lhe foi apresentado, proporcionando ao espectador a continuidade da discussão com o auxílio de seus pensamentos.

Na escrita, Dió se empenha em mostrar que o mundo literário, em especial a poesia, não precisa ser tão séria. Nesse sentido, ela se permite apresentar que há espaço para todos os tipos de sentimentos, oferecendo um clima mais acolhedor e cativante ao público. Além de citar escritores brasileiros, como o Carlos Drummond de Andrade, Camila exalta a natureza e os personagens do folclore brasileiro em seus trabalhos, com o propósito de resgatar esses elementos que por muitas vezes são esquecidos ou pouco citados nos demais livros tupiniquins.

Referências

<https://www.algumasobservacoes.com/2021/07/entre-vista-Camila-Dio.html>
<https://br.linkedin.com/in/camiladio>

Carta do livro: Deserto Azul

Belo Horizonte, 05 de
março de 2018

Querida Bethe,

Queria te falar de amor, pois até hoje sou amadora. Desde sempre amei, mesmo que de um jeito meio rústico e manco, provavelmente, herdado do amor cuidadoso, mas um pouco seco dos meus pais. Mas sempre amei, no início, principalmente as matas, rios, cascalhos, bosques e arvoretinhas. Meus irmãos, meus pais. Depois amei a cidade grande, a luminescência fraca dos postes ao anoitecer, as feirinhas, o pastel frito com caldo de cana, as amigas e os amigos. Vestidinhos de poá e sapatos baixos. Pãozinho crocante por fora e macio por dentro. Amei e como amei aquele olhar de esguelha do rapazinho atraente no ônibus. Amei o toque suave e sem querer na mão do garoto tímido, mas excelente dançarino, naquele baile de primavera quando estávamos sentados no balcão. Ele ficou vermelho. Amei o esbarrão de leve e o pedido de desculpas do vizinho carismático que sorriu com o canto dos lábios. Amei coisas, amei memórias, amei experiências. Aí veio o Alberto e eu aprendi a amar de uma forma diferente. Amei aquele homem em cada gota de chuva. E veja, que em nosso primeiro encontro o céu desabou. Amei cada som de sua risada de timbre grave. Amei, cada ruído de passo forte sobre o piso de madeira da casa antiga, quando ele atravessava a soleira da porta. Aquela bonitinha cujo trinco não fechava muito bem, carecia de um macete para vedá-la. Era o primeiro lugar em que moramos de aluguel. Amei a mão forte e grande na minha nuca enquanto a outra apertava o meu quadril. Amei os sussurros ao pé do ouvido. Amei as conversas, mas também o silêncio que pousava em nossos olhos como um pássaro que descansava, quando nos encarava-mos carinhosamente, profundamente. E senti que precisava amá-lo até na toalha em cima da cama, no casaco largado sobre a mesa de jantar, nas meias cozidas de suor sobre o tapete. Percebi que o amaria mesmo diante do estresse da rotina, que o amaria mesmo quando ele pegasse no sono enquanto eu lhe contava como foi o meu dia. Que haveria horas de muita tristeza e raiva em que deixaria, por um momento, de amá-lo. E então o amei, com desespero sofrido quando acompanhava seus batimentos cardíacos, enquanto nos deixava. Quando a esperança me abandonou no monitor de sinais vitais. Quando aquele homem, não era mais sequer um vestígio do que fora antes. Quando com os olhos fechados de dor no leito do hospital, me deixou levado por um câncer no estômago.

Em meio a tudo isso descobri outra forma de amar, de amar incondicionalmente. Quando vieram nossos filhos. E aí aprendi verdadeiramente e mais do que nunca o que é amor. Quando coloquei a felicidade deles na frente da minha. Quando passei noites em claro enquanto tinham cólica e fome. Dias cozinhando e apartando briga entre as crianças. Quando ficavam doentes ou se machucavam. Quando acompanhei a adolescência turbulenta de alguns, os xingamentos e as más respostas. Quando cresceram e deixaram o ninho. Quando vejo o bom trabalho na educação que eu e Alberto demos à eles. Quando os vejo limpos, arrumados, saudáveis e cuidando dos próprios filhos.

Querida Beth, você é ainda muito jovem. Mas os jovens amam de forma única. Assim como qualquer pessoa em cada fase da vida. Hoje, o que aquece seu coração de colibri?

Com amor Maria E.

(Uma das cartas do livro artesanal Deserto Azul- cartas em tempos de internet. Autora Camila Dió)

O MERCADO DA AUTOPUBLICAÇÃO E AS PLATAFORMAS DIGITAIS

Entrevista de Débora Sampaio com Pollyanna Mattos Vecchio, doutora em Estudos de Linguagem



Pollyanna de Mattos Moura Vecchio tem dupla licenciatura em Letras (Português/Italiano) pela UFMG, extensão universitária pelo Oakton College de Chicago, mestrado e doutorado pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens do CEFET-MG, com estudos na área de Edição e Tecnologias Digitais. Seu foco de pesquisa é a autopublicação em plataformas digitais. Pollyanna tem textos publicados sobre plataformização do trabalho e da produção cultural, especificamente sobre o impacto da plataforma Amazon Kindle Direct Publishing no mercado editorial brasileiro. Desde 2010, atua como secretária executiva bilíngue do CEFET-MG. É revisora e tradutora. Pertence ao coletivo feminino "Escriviventes" e desenvolve trabalhos voluntários voltados para mulheres. Ela ainda é autora de crônicas e contos, de livros de literatura infantil e de narrativas de vida.

Pollyanna Mattos - Fonte: arquivo pessoal

Revista Editar: Como você descobriu a autopublicação e qual a sua experiência na área?

Pollyanna: A primeira vez em que eu ouvi falar sobre plataformas de autopublicação foi em 2010, no CEFET, no evento Mostra de Trabalhos de Análise do Discurso (MOSTRAD), organizado pela professora Giani David-Silva. Nele, eu revisei os cadernos do evento e fiquei muito interessada em uma apresentação do pesquisador Pablo Guimarães de Araújo, sobre iniciativas de publicação de livros usando tecnologia digital. Ele falava sobre impressão sob demanda, baixas tiragens e autopublicação por meio de uma startup que estava começando na época, o Clube de Autores'.

Nessa época, eu tinha acabado de terminar a tradução de um livro do qual eu havia conseguido os direitos de tradução para o português, de quando morei nos Estados Unidos. Era uma biografia de uma pessoa com autismo, da Temple Grandin. Como tenho os direitos do livro, tentei publicar por editoras tradicionais e fiquei também bastante tempo tentando publicar em editoras de Psicologia ou que tivessem a ver com o estudo do autismo. Mas não consegui. Eu era uma autora iniciante ainda e não tinha nem pós-graduação naquele momento, por isso não me levaram muito a sério. Mas eu tinha esse original nas mãos, que era esse livro traduzido da Temple Grandin e eu conheci o Clube de Autores através dessa apresentação do Pablo e consegui publicar esse primeiro livro por lá.

Pessoalmente achei a impressão sob demanda uma alternativa bastante interessante. As despesas eram muito menores e, naquela época, em 2010, eu nem saberia fazer um livro autopublicado, mesmo com uma tiragem feita em gráfica. Mas a plataforma tinha tutoriais e era muito intuitivo e fácil de fazer. Então, fiz esse primeiro livro lá e foi muito bom.

Depois, em 2014, publiquei também, no Clube de Autores, um livro de crônicas minhas. Em 2015, fui ajudar uma amiga a fazer um livro da genealogia de sua família, e foi quando comecei a ter problemas com a plataforma e a ter minha primeira inquietação em relação a esse tipo de serviço editorial. A impressão começou a ficar muito ruim, em relação aos meus livros anteriores. Então fui tentar ter algum tipo de conversa com os responsáveis e percebi que, para a plataforma funcionar, eles contavam com um certo grau de amadorismo dos usuários e, como eu já estava com uma experiência e não era tão amadora assim e queria fazer um trabalho de maior qualidade, comecei a perceber esse amadorismo. Então resolvi sair do Clube de Autores e aprender a publicar livros de forma mais independente. Publiquei outros livros, mas de forma independente, em que eu fazia a edição dos livros e me cercava de bons profissionais, como design, alguém que fazia a preparação da ficha catalográfica. Nesse momento, já conhecia livrarias e gráficas de qualidade. Assim publiquei livros autorais e para terceiros, mas não mais com plataformas. Essa é a minha experiência pessoal com uma plataforma de autopublicação. No doutorado eu tive uma experiência como pesquisadora e em outras plataformas, além do Clube de Autores.

Revista Editar: Atualmente, como você analisa as oportunidades no ramo?

Pollyanna: As oportunidades de publicar por plataforma de autopublicação dependem muito do propósito que o autor tem para o livro. Se for um propósito mais familiar de imprimir um livro e distribuir para a família ou se for uma coisa de um diletantismo, ou seja, uma coisa que se faz por hobby, por prazer, para realizar um sonho de ter um livro publicado e não tiver uma relação muito comercial, mercenária de realmente ganhar a vida com aquilo, as formas de autopublicação, principalmente em termos de impressão sob demanda, como Clube de Autores, Livrorama, UICLAP, elas atendem bem a esse propósito.

Hoje em dia, entrar em uma editora tradicional, que não cobra do autor, que não é uma editora paga, é muito difícil, porque eles têm vários filtros para poderem investir em autores iniciantes. Já as editoras pagas, ou seja, aquelas que fazem o serviço, mas cobram para isso, em geral são muito caras. Algumas até fazem uma coisa de ludibriar o autor falando que são tradicionais, mas são editoras pagas.

Nesse sentido, as plataformas de autopublicação são uma forma mais acessível financeiramente e com maior acessibilidade digital, além de serem mais fáceis de usar e realizarem o sonho de muita gente que quer publicar um livro. Mas, se a pessoa tem aquela intenção de se lançar no mercado, usando o prestígio de uma editora de renome, aí não dá muito certo. Porque as plataformas de autopublicação não têm aquela preocupação com formação de catálogo, em trabalhar o texto. Na verdade, lá é um "self-service", no qual você é quem trabalha o livro, paga os profissionais se quiser, e eles fazem o serviço de venda e distribuição desse livro.

Mas tem também as plataformas em formato de streaming, a mais famosa é a do Kindle, da Amazon, aí enfim, é uma outra conversa com questões do e-book. E é uma boa forma de distribuir livros se a pessoa ficar satisfeita em distribuir e-book, mas o pagamento é irrisório. Hoje em dia, quem coloca um livro na Amazon, no Kindle Unlimited, em geral ganha por página lida e é fração de centavo do dólar. Você ganha menos de um centavo de real por página lida. Um livro de cem páginas, por exemplo, não gera um lucro nem de dois reais. É uma exploração que a gente chama de Capitalismo de Plataforma, muito parecido com o que acontece com o Uber, com iFood, ou seja, são trabalhadores, no caso os autores, que colocam a serviço uma mercadoria ou a força de trabalho, em troca de um pagamento muito ínfimo, em que, para ganhar significativamente, tem que trabalhar muito. No caso dos livros, é como no YouTube ou Spotify, em que tem que viralizar e o que viraliza, geralmente, é coisa de qualidade questionável, porque é o que geralmente consegue ter uma visibilidade grande e dar algum lucro significativo para os autores. Quando entram as multinacionais, no mercado de e-book na autopublicação, aí sim é uma coisa um pouco mais complicada porque entra essa esteira da uberização da economia e da plataformização do trabalho, inclusive do escritor.

Revista Editar: Quais são os principais desafios que um autor independente pode enfrentar nesse processo?

Pollyanna: Eu não saberia dizer quais são os principais desafios para o autor iniciante. Na verdade, independente ou iniciante, tem os desafios do custo, porque para fazer um livro, uma tiragem de 100, 200 livros, o preço de gráfica, de design, de ilustrador, se tiver ilustração, geralmente é alto. Então, esse empecilho financeiro faz com que muitas pessoas não tenham condições de publicar um livro de forma independente e impressa com uma tiragem grande para poder fazer um lançamento e vender.

Por isso, muita gente recorre à autopublicação por impressão sob demanda, ou seja, significa que seu livro fica à venda na plataforma e ela imprime conforme as pessoas compram. Então, o livro custa mais caro individualmente, mas em compensação o autor não precisa fazer uma tiragem, ele não tem um investimento inicial muito grande. O problema é que a plataforma é um serviço de autoatendimento, então às vezes as pessoas quando começam são muito ingênuas e acham que vão dar conta de fazer um livro de qualidade em uma plataforma de autopublicação, sem ajuda profissional. Isso é um dos empecilhos. Porque é muito difícil fazer uma capa de qualidade, não sendo um designer, um projeto editorial de qualidade, não sendo designer, ter um texto bem revisado, tanto em termos de conteúdo, fazer uma leitura crítica, quanto em termos gramaticais. Talvez o maior desafio do autor independente ou iniciante é ter a ilusão de que ele realmente vai conseguir fazer alguma coisa de qualidade sozinho.

Com o tempo, se ele for acumulando e trocando experiência com pares, participando de coletivos de escritores e se empoderando, aí ele vai ganhando mais credibilidade, vai ganhando mais público e, com certeza, vai ter mais condições de fazer um bom livro sozinho ou se cercando de bons profissionais. Mas, se ele achar que vai dar conta de colocar um livro na Amazon, no Clube de Autores, enfim, com o recurso que eles têm lá, a chance é de ele fazer um livro bem amador e de qualidade duvidável. Mas depende, às vezes ele também não tem intenção de fazer um livro comercial, um livro de alta literatura ou de alto padrão de design. Às vezes é só pra ter mesmo o livro impresso, para sentir aquela coisa do afeto de ter o livro nas mãos. Então depende muito, essa pergunta é muito ampla.

Revista Editar: Quais dicas você daria para alguém que deseja ingressar no mundo da autopublicação?

Pollyanna: Eu não sei exatamente quais conselhos eu daria pra alguém que está ingressando no mundo da autopublicação, mas o principal é não ter ilusões, principalmente financeiras. Porque, hoje em dia, muita gente consegue publicar um livro, mas nem todo mundo consegue receber financeiramente uma quantia significativa por esse livro, a não ser que seja uma literatura mais trend (na lista dos mais vendidos), seja aqueles romances que a gente chama de jovem adulto, às vezes tem uma história com algum empresário que trata mal a mocinha e depois se apaixona por ela, ou seja, são coisas mais trend.

Eu aconselharia a se informar, a participar de grupos de escritores, não se iludir de que vai ficar rico ou famoso e manter o pé no chão para poder ter pelo menos uma satisfação pessoal, que não seja financeira, mas que talvez pelo menos tenha aquele prazer de ter um livro publicado, de ter leitores, de ter o feedback de quem lê e ter esse prazer, essa sensação boa da criatividade, de ver nossa criatividade se expandindo. É isso, não tem chave mágica, tem que realmente não ficar iludido demais e procurar se informar antes de entrar, mas ao mesmo tempo, ter coragem de publicar o livro, não guardar na gaveta, porque toda jornada começa com o primeiro passo.

Talvez o primeiro livro não vá ser o melhor de todos, mas ele vai ser um caminho para a pessoa aprender e ir se empoderando para poder ficar cada vez melhor. Tanto em relação à escrita, quanto ao design e à questão editorial, o escritor pode ir aprendendo passo a passo.

O CARTEIRO E O POETA

Alice Monteiro Gomes Coelho



Fonte: Foto retirada da internet

Se você busca um filme sobre a escrita, o Carteiro e o Poeta é uma ótima recomendação. Dirigido por Massimo Troisi e Michael Radford, 1994, o filme conta a história de uma linda amizade que nasceu através da poesia.

Considerado por alguns como o poeta do povo, e para outros, como o poeta do amor, Pablo Neruda é tratado com respeito e admiração por habitantes de uma pequena ilha na Itália e, principalmente, por Mário, um carteiro recém-contratado. O poeta era o único naquele lugar que recebia correspondências, e consequentemente o carteiro passava muito tempo por lá.

A falta de destinatários diferentes resultou em uma amizade entre Pablo e Mario, uma relação baseada nas buscas de metáforas e o amor pela poesia.

O filme é narrado de forma leve e simples, e um pouco lenta, mas ainda assim é divertido acompanhar a persistência de Mário em aprender o que é uma metáfora e usar isso para conquistar a mulher que é apaixonada. Apesar de toda essa leveza, a obra também faz uma dura crítica aos sistemas ditatoriais e mostra a luta que Pablo Neruda enfrenta em seu país, além de estimular Mário a participar de movimentos sociais.

O filme é antigo, mas um tanto quanto atual. Inteligente e emocionante! Não vai se arrepender.

Paradoxos

Uma ferida exposta fechada

Uma dor passageira eterna

Uma lágrima seca

Um coração pulsante quebrado

Um final inacabado

Um sofrimento visível escondido

E um para sempre interrompido

Emmanuelle Souza Miranda

SOBRE UM PARADOXO DE ZENÃO

uma tar
r ta a
ru u
u ga
vai
a van ça len
ta aaaaaaaaa aa aa
men
te a mente velozmente a
a arquitetar perguntas

o tempo de va gar
foge no calendário

e escurece em seus vazios

o tempo habita as coisas

o planeta roda em sua órbita
há milhares de anos
e o ontem
é uma fração

milésimos da eternidade

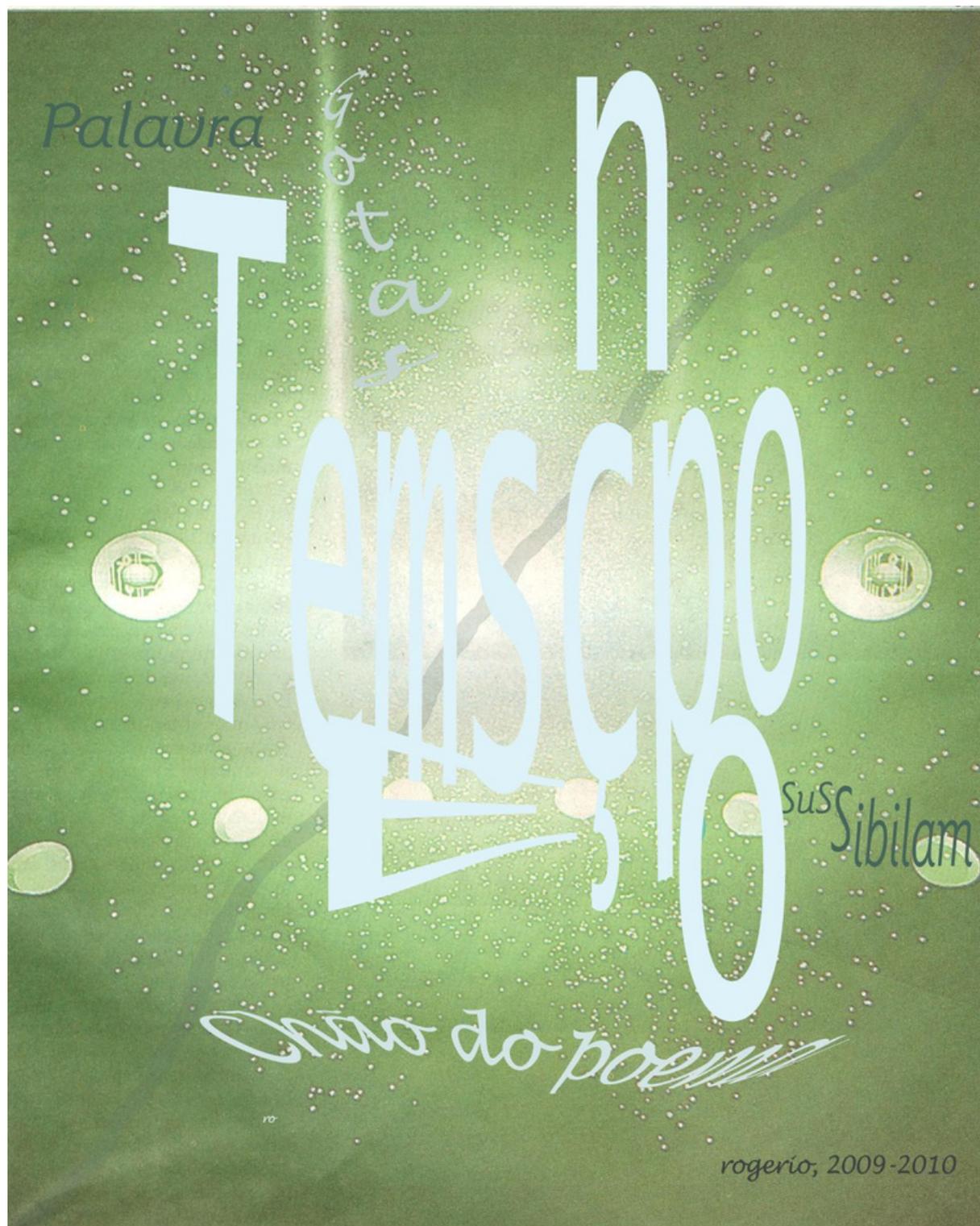
a vida fugaz
forge como lebre
à memória escorre
o corpo adormece

sob o córtex
uma tempestade elétrica
um cinema célere pós-utópico
paradoxos de viva comédia

uma gota que jaz
faz brotar um oceano

mas e o tempo?
haverá o que o ultrapasse?

O chão do poema



Rogério Barbosa

DESENHOS DIGITAIS

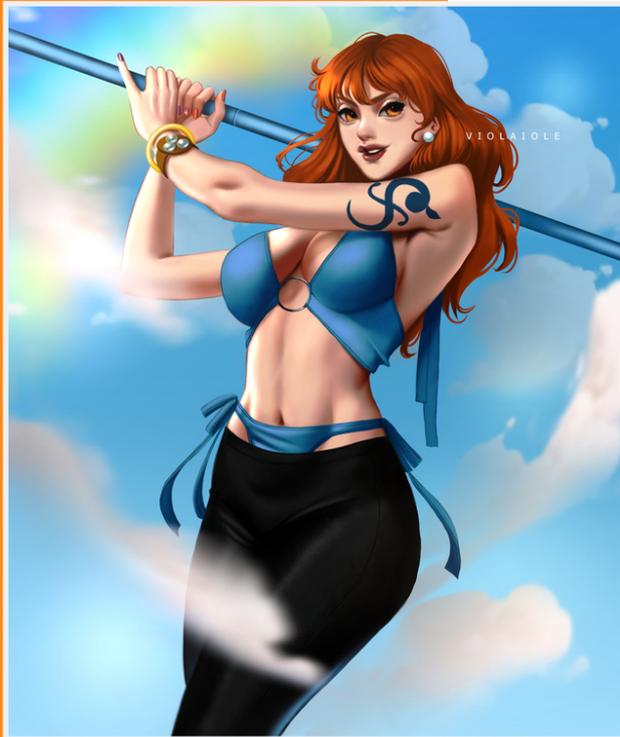


ZORO,
ME ENSINA
A SOLAR?!

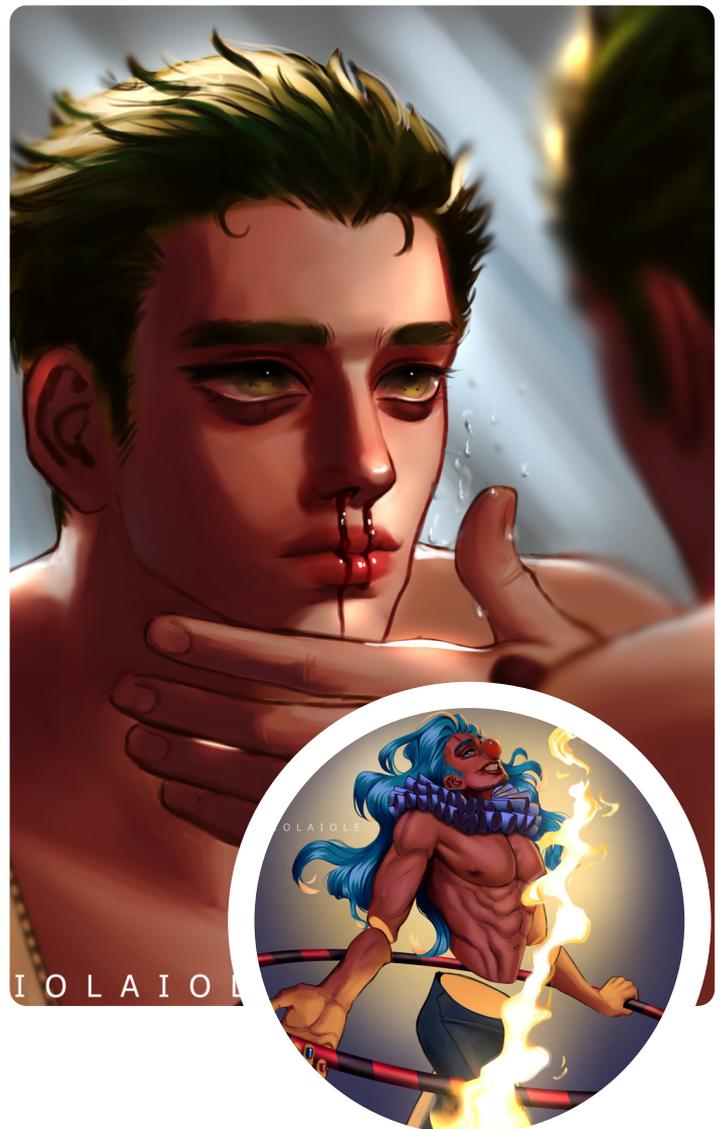
@VIOLADOLE - ART



IOLANDA LOPES



Iolanda Lopes Gomes, ou Violaiole tem 19 anos e desenha desde que se lembra. Seu tipo preferido de arte digital são os semi-realistas e relacionados a animes.





ANA LUISA SAMPAIO

Ana Luisa de Almeida Sampaio tem 13 anos e começou a desenhar aos 6. O seu tipo preferido de desenho é o semi-realista. Ela gosta de desenhar o universo dos jogos eletrônicos.



FOLHA DE EXPEDIENTE

PROJETO REVISTA EDITAR

Professor Coordenador
Dr. Rogério Barbosa da Silva

EQUIPE EDITORIAL

Projeto gráfico e diagramação
Emmanuelle Souza Miranda
Lucas Tadeu Ferreira de Aguiar
Vitória Fernanda Ribeiro Reis

Produção de conteúdos e Editorial
Alice Monteiro Gomes Coelho
Débora de Almeida Sampaio
Fernanda Menezes Moreira
Gabriella Iasmin Lima Silva
Nicoly Cristina Martins dos Santos
Yanne Amaral Silva

Revisão e Preparação textos
Jefferson Lorentz Barbosa
Júlia Sartori Barony Araújo
Nicoly Cristina Martins dos Santos
Roseli Campos Gonçalves da Silva

